

## **ALUNOS COM TDAH NO AMBIENTE ESCOLAR: DESAFIOS E POSSIBILIDADES**

Luan Gonçalves Jucá <sup>1</sup>  
Maria Vanuzia Monte Freitas <sup>2</sup>

### **INTRODUÇÃO**

Sabemos que a educação é um direito de todos, garantido pela nossa Lei Maior: a Constituição Federal (1988), não devendo assim haver obstáculos, seja de credo, raça, condição socioeconômica para a efetivação dos direitos fundamentais.

Vivemos numa sociedade democrática, em que todos esses direitos devem ser respeitados e protegidos, contudo, entende-se que há ainda barreiras que precisam ser quebradas, para que realmente todos possam ter a garantia de ser parte de uma sociedade inclusiva em condições de igualdade e equidade.

Nesse sentido, observa-se que há escolas e professores que ainda sentem-se despreparados e inseguros no tocante a lidar com a clientela de alunos com TDAH e principalmente no que diz respeito ao ensino e a aprendizagem.

Muitas são as intervenções necessárias no ambiente escolar, como por exemplo: auxílio para o professor, atenção individualizada para o aluno com TDAH, atividades adaptadas, focando nas necessidades individuais, acompanhamento multidisciplinar e muito mais.

De acordo com o Diagnóstico and Statistical Manual of Mental Disorder- DSM IV, o TDAH é caracterizado em três grupos distintos: TDAH tipo combinado, TDH tipo predominantemente desatento e TDAH tipo predominantemente hiperativo.

No geral apresentam problemas de adaptação social e de aprendizagem, devendo assim haver um trabalho mais individualizado com esses aprendentes.

Estes pressupostos formam a base para motivação em torno da temática, respondendo aos seguintes questionamentos: quais desafios a escola terá que enfrentar para de fato incluir

---

<sup>1</sup> Graduado pelo Curso de Educação Física da Universidade Regional do Cariri - CE, [luanjucaedf@gmail.com](mailto:luanjucaedf@gmail.com);

<sup>2</sup> Professora orientadora: Especialista, Pedagoga pela Universidade Estadual do Ceará - UECE, Faculdade Ciências e Letras de Iguatu- FECLI, [vanumonte@gmail.com](mailto:vanumonte@gmail.com);

esses discentes e assim cumprir a função de aprendizagem e desenvolvimento desses indivíduos?

Os desafios podem estar no despreparo dos profissionais da educação que atuam na escola, pois não foram capacitados, portanto não se sentem preparados para fazer esse trabalho, por outro lado, também há uma resistência da família para manter o tratamento, principalmente se houver necessidade de uso de medicação.

Também podemos observar uma falta de estrutura por parte das instituições, que não possuem um programa de fortalecimento de uma rede de apoio com equipes multidisciplinar para trabalhar com as especificidades dessa clientela, para assim dar suporte ao trabalho dos professores.

Objetiva-se fazer uma análise da forma como esses alunos estão inseridos no ambiente escolar e fomentar uma discussão sobre a reestruturação de uma escola para todos e assim garantir o desenvolvimento integral desses aprendizes.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa caracterizou-se por ser descritiva onde Gil (2002) menciona que essa abordagem de pesquisa busca descrever uma estipulada população ou perfil de indivíduos com intuito de apresentar informações coesas sobre o público investigado.

Optou-se por sincronizar as informações advindas de alguns estudos na literatura com as experiências dos autores do presente artigo na carreira docente, visando assim, expor experiências de como é o comportamento dos alunos no ambiente escolar, ressaltando a importância da família no processo de formação dos discentes no decorrer de todo o processo de aprendizado.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Sabe-se que os alunos acometidos com o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, apresentam dificuldades reais na aprendizagem, não porque são menos inteligentes, mas porque o nível de concentração é muito baixo, perdem o foco com facilidade, faz várias coisas ao mesmo tempo, por vezes não conseguem terminar nenhuma das atividades, perdem-se no tempo e não conseguem filtrar de maneira correta os estímulos do ambiente e



assim abandonam a atividade. Geralmente são crianças criativas e inteligentes, mas não conseguem manter a atenção sustentada, para sistematizar o conhecimento.

Segundo a Classificação Estatísticas Internacionais de Doenças e Problemas Relacionadas com a Saúde (CID-10, 2011), o TDAH está no grupo de transtornos caracterizados por início precoce, durante os cinco primeiros anos de vida, apresentando falta de perseverança nas atividades que exigem envolvimento cognitivo e tendência a passar de uma atividade para outra, sem terminar ambas, associada a uma atividade global desorganizada, descoordenada e excessiva.

Apresentam dificuldades na socialização, são impulsivos falam tudo que pensam, sem filtrar o que realmente é necessário, na maioria das vezes não seguem regras, falam, mas não escuta seus colegas, por isso tem um grupo social bem restrito. Demonstram comportamento disruptivo ou desatento, portanto, o comportamento de cooperar, ceder a vez, manter promessas se tornam bem complicados para essas crianças ou jovens. Conforme Barkley:

...”um transtorno do desenvolvimento do autocontrole que consiste em problemas com períodos de atenção, com o controle do impulso e o nível da atividade. (...) Esses problemas são refletidos em prejuízos na vontade da criança ou em sua capacidade de controlar seu próprio comportamento relativo à passagem do tempo em ter em mente futuros objetivos e consequências. Não se trata apenas de uma questão de estar desatento ou hiperativo. Não se trata apenas de um estado temporário que será superado, de uma fase probatória, porém normal, da infância. Não é causado por falta de disciplina ou controle parental assim como não é sinal de algum tipo de maldade da criança.”  
(BARKLEY, 2002, p.35)

A escola, os professores e a família têm um papel fundamental no desenvolvimento das habilidades do estudante com essa desordem. É função da escola, ter conhecimento das características, peculiaridades e a maneira de como lidar com essas crianças ou jovens. Porque além de trabalhar em sala diariamente com eles, necessita prestar esclarecimentos a família e a comunidade escolar.

Silva descreve que “o TDAH é um funcionamento de origem biológica, marcada pela hereditariedade, com causas genéticas” (2010, p. 50), e algumas das suas peculiaridades como:



hiperatividade/impulsividade, se deve ao mau funcionamento do córtex pré-frontal, que é responsável pelo controle de estímulos e filtragens da informações, ocorrendo alterações nas funções executivas, favorecendo esse indivíduo a apresentar dificuldade de conter alguns comportamentos.

Sendo que no ambiente familiar, as crianças com TDAH, geralmente apresentam-se inquietas, agitadas, ansiosas, são causadoras de muitos conflitos no lar, como: brigas entre irmãos, desconfortos entre os pais, desentendimento entre vizinhos, etc. Devido ao seu histórico de problemáticas, acabam levando a culpa, mesmo que não tenham praticado nenhuma confusão. Para alguns familiares, são rotuladas com apelidos pejorativos que apontam principalmente as características marcantes do transtorno, como a inquietação, nervosismo e agressividade.

Alguns pais apelam para punição e castigos físicos, outros são permissivos, deixando a criança a vontade sem regras ou orientações, às vezes por não terem conhecimento do transtorno, acabam piorando a situação dessas crianças. Ao ingressar numa instituição escolar, se deparam com uma rotina bem diferente do seu lar, com regras, horários estabelecidos, metas a cumprir, tendo que seguir uma rotina pré-estabelecida, realizar atividades propostas pelo professor e conviver socialmente com os demais colegas, isso evidencia com nitidez as diferenças existentes entre elas. Para Silva:

...É importante buscar informações sobre o comportamento inadequado da criança... Quanto mais informações e educação a cerca do transtorno, melhor para a criança e a família. No decorrer do tratamento, as famílias recebem orientações sobre como proceder em situações específicas (SILVA 2010, p. 53).

Pais e professores, precisam estar atentos, observando essa criança ou jovem no dia a dia. As características mais comuns são: visível desorganização dos materiais pessoais, perdem constantemente seus objetos ou materiais escolares, deixando-os jogados, usam os materiais dos colegas, levantando várias vezes para pedir emprestado objetos dos colegas, ficam muito inquietas balançando os pés e mãos, roem as unhas, mordem a blusa, quando tem que ficar algum tempo parados.

Ao observar que uma atividade tem muitas questões, arrumam um jeito de se esquivar para não fazer, evitam atividades que exijam esforço mental.



Geralmente falam demasiadamente ou são muito caladas, interrompendo a conversa dos outros e sempre tentam assumir o controle da situação. Quando ao contrário são do tipo desatenta, preferem ficar caladas no seu canto, vagando em seus pensamentos, deixando de assimilar informações importantes para seu aprendizado, quando retomam já se passaram várias informações da aula. Esquecem-se dos materiais, não conseguem seguir instruções, perdem o foco com facilidade, cometem erros banais por não prestar atenção nos detalhes, dificuldade para terminar leituras.

Durante uma conversa com amigos, capta apenas partes, fica com os pensamentos em outras coisas ou fazendo planos para o futuro. Durante as explicações das aulas, pode ficar sonolenta, principalmente quando precisa se concentrar, pensa em fazer várias coisas, mas acaba se esquecendo ou procrastinando o que ia realizar.

Ao observar os sinais acima descritos, o professor deverá convidar a família para uma conversa, reunir as informações de casa e da escola, saber de possíveis problemas de saúde que podem afetar o desempenho dessa criança, observar comportamentos equivalentes nos ambientes, enfim todos os esclarecimentos necessários para a construção de um relatório. Feito esse documento, a instituição escolar, encaminhará esse aluno para um profissional da psicologia ou psicopedagogia.

Através de observações e avaliações específicas de cada área, o psicólogo ou psicopedagogo, fará, se necessário um relatório de encaminhamento para um médico especialista, um neuropediatra ou psiquiatra infantil para investigação e um diagnóstico mais preciso.

Depois de todo esse processo, já com o diagnóstico, inicia-se o tratamento, que dependendo das peculiaridades, o médico poderá prescrever o uso de medicação e o acompanhamento de profissionais terapeutas. Esse trabalho deverá ser desenvolvido em conjunto com a equipe multiprofissional, sempre mantendo um diálogo, orientando a escola e a família, sobre como agir para maximizar o potencial dessa criança ou jovem.

A medicação, quando indicada pelo médico especialista, dependendo do caso, pode ser necessário, contribui para uma melhora significativa na atenção e concentração, com isso há uma melhora na qualidade da atenção nas atividades escolares e rotineiras, contribuindo de forma positiva para a aprendizagem dos conteúdos na escola.

Ensinar pessoas com TDAH, demanda paciência, afeto, dedicação e conhecimento a respeito das características e implicações do transtorno, como também exige tolerância, devendo o professor reconhecer suas próprias limitações e ter consciência que necessitará de



auxílio. Deve ter em mente que o aluno com TDAH, não é de responsabilidade só dele, mas de toda escola. A gestão escolar tem a obrigação de dar suporte a esse professor, orientando-o, capacitando-o e auxiliando para que possa desenvolver seu trabalho com segurança, não o sobrecarregar, como também ser uma ponte fortalecedora da parceria com a família e os profissionais da equipe multidisciplinar. De acordo com REIS:

[...] o professor tem papel fundamental no desenvolvimento das habilidades e controle do comportamento da criança com TDAH. Desse modo, ele deve ser instruído, tanto na formação inicial como na continuada, como também deve ser auxiliado em sua prática pedagógica e deve ter conhecimento sobre o transtorno e as estratégias adequadas em sala de aula para que esses alunos sejam efetivamente inclusos na escola. (REIS, 2011, p.7)

Quando o professor consegue estabelecer um vínculo afetivo com o aluno, o trabalho se torna mais consistente, significativo e coerente, isso acontece quando esse profissional observa e tenta conhecer os gostos, preferências, limitações e potencialidades. E esse pode ser o primeiro passo para que suas estratégias de ensino, possa dar bons frutos. Todo o material colhido da família, dos profissionais e demais observações, são essenciais para elaboração e construção do plano de ensino individualizado, (PEI), que é um documento garantido por lei, no qual todos os alunos com necessidades educacionais especiais tem direito.

Nele, são traçados os objetivos e metas de acordo com as peculiaridades individuais, abrangendo todas as áreas do conhecimento, como por exemplo a cognição, área motora, social, etc. Também contempla a visão dos profissionais que atendem essa criança, as adaptações necessárias no ambiente escolar, sala de aula, currículo, atividades e avaliações. O planejamento e a execução do trabalho em sala, deverá ser desenvolvido de acordo com as informações coletadas dos familiares, profissionais e professores, visando o desenvolvimento e aprendizagem efetiva de todos os alunos, inclusive o aluno com TDAH.

Para que o trabalho aconteça com eficiência, ou seja, produza resultados positivos é imprescindível que o educador modifique sua prática, organize o ambiente da sala de aula, assegurando que esse aluno sente-se em local tranquilo, longe de distrações como janelas, portas e corredores, trabalhando os conteúdos de forma significativa e realizando adequação de matérias, dessa maneira todos terão condição para desenvolver.

Sabe-se que as crianças com TDAH, apresentam um nível de concentração muito fragilizado, portanto as atividades deverão ser organizadas em etapas, com enunciados claros, de fácil entendimento, tornando-as mais simples, utilizando recursos visuais e sempre que possível elogiar seus esforços e persistência.

Atividades grandes geram muita ansiedade, fazendo com que desistam antes de começar. É necessário respeitar seu tempo e o ritmo, oportunizando um tempo maior para desenvolver os trabalhos, quando necessário, buscando maneiras de efetivação da participação nas atividades, seja de forma escrita, oral ou através de parcerias com colegas. De acordo com Bandezan e Palangana:

A atenção voluntária pode manter-se sem dificuldade quando nada de estranho impede sua atividade, ou mesmo em situações opostas, quando há inconvenientes, com sons, cansaço, etc. Não obstante, para que a atenção se mantenha, algumas vezes é necessário eliminar a influência de estímulos externos. [...]. Quanto mais a atividade responde a interesses e necessidades, maior seu significado e maior será sua atenção. (BANDEZAN; PALANGANA, 2005, p.12).

Para o professor, não é fácil promover um trabalho diversificado, considerando que, a sala de aula é composta por muitos alunos com diferentes níveis, cada um com uma história de vida e demandas pessoais. Porém, se o trabalho for desenvolvido de uma forma mais lúdica e motivadora, encorajando-os, estabelecendo regras e limites, uma rotina clara, realizando parcerias de aprendizagens cooperativas, esse ambiente pode se tornar mais tranquilo e propenso ao desenvolvimento cognitivo e social da turma.

Portanto manter o ambiente estruturado, organizado, sem muitas informações ou distrações, tentando trazer esse aluno para próximo do professor, longe de locais barulhentos, mantendo um diálogo com alunos e pais, criando situações de aprendizagens, formando grupo cooperativos e parcerias em sala de aula, oferecendo outras opções de escrita, usando recursos significativos, visuais, dando responsabilidades para que esses jovens aprendizes possam se sentir pertencentes à turma, motivando-o constantemente, certamente o trabalho em sala será bem mais proveitoso e significativo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolarização precisa ser mediada com bases sólidas e oferecer diversas possibilidades para que a clientela de alunos com transtornos de déficits de atenção, possam vencer suas instabilidades, necessidades e peculiaridades, assim sendo, estejam em condições de participação e desenvolvimento de suas capacidades de forma mais efetiva.

Para tanto, as instituições escolares precisam está abertas ao conhecimento e práticas inovadoras, viáveis ao trabalho com as diferenças.

Sabe-se que os cursos de graduação para professores, ainda não conseguem prepará-los, para o trabalho com alunos com transtornos, para saber lidar com as peculiaridades desses discentes, por isso muitos chegam nas salas de aula despreparados e se deparam com situações complicadas, se desgastam muito e não conseguem bons resultados. Alguns profissionais da educação chegam a desistir da profissão por não conseguirem lidar com essas situações. A capacitação é fundamental para esses profissionais, para que tenham condições de exercer sua profissão com segurança.

Para tanto, é primordial manter uma relação de cooperação com a família e profissionais da saúde para o desenvolvimento do aluno. A família como parceira do trabalho em sala, auxiliando, cooperando com o professor, este último orientando a família a dar continuidade do trabalho em casa.

Já os profissionais da equipe multiprofissional fazem os direcionamentos aos educadores, para um melhor aproveitamento do tempo na escola, dando subsídios para uma compreensão clara das necessidades inerentes ao sujeito, de acordo com as peculiaridades do transtorno. Dessa forma, o educador terá mais segurança para desenvolver suas estratégias em sala, com orientações de cada área da equipe multiprofissional, e assim se forme uma rede de apoio a este aluno nas áreas nas quais mais necessita e dessa maneira, possa ter condições não só de acesso, mas de permanência e aprendizagem efetiva no ambiente escolar.

Sabendo que há ainda muitos desafios a serem vencidos, como: falta de estruturas nas escolas, falta de apoio aos professores, cursos de graduação que ainda não preparam o profissional para atender a diversidade de ensino. Contudo há também possibilidades, como: o esforço dos professores para obter conhecimento, escolas abertas para aprender a desenvolver um trabalho mais significativo e individualizado, equipes de profissionais que desenvolvem seu trabalho, mesmo com poucos recursos.

Desta forma, conclui-se, para que o processo de escolarização dos alunos com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade obtenha êxito é necessário o envolvimento de todos, escola, professores, pais e profissionais, trabalhando em parceria, sendo conscientes da necessidade de estar sempre se capacitando, avaliando e reestruturando o trabalho de acordo com as respostas do desempenho desse aprendiz.

**Palavras-chave:** TDAH; Escola, Desafios.

## REFERÊNCIAS

American Psychological Association. **DSM IV Manual Diagnóstico e Estatísticos de Transtornos Mentais**. 4º Ed. Porto alegre: Artes Médicas; 1995.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5º ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2014.

BARKLEY, R. A. **Transtorno do déficit de atenção/hiperatividade – TDAH: guia completo para pais, professores e profissionais da saúde**. Porto Alegre: Artmed, 2002;

BRASIL. **Constituição Da República Federativa do Brasil**, de 05 de outubro de 1988. Disponível em: <http://www.saude.am.gov.br/planejamento/doc/constituicaofederalde88.pdf>  
Acesso em: 12/04/ 2020.

BONDEZAN, A. N.; PALANGANA, I. C. **O Papel da educação escolar no desenvolvimento da percepção e da atenção**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL, 2; SEMANA DE PSICOLOGIA, 7, Maringá, Anais... Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2005.

Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10 - Diretrizes Diagnósticas e de Tratamento para Transtornos Mentais em Cuidados Primários Organização Mundial da Saúde. 1998. Porto Alegre: Artes Médicas.

EIDT, N. M; TULESKI, S. C. Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade e psicologia histórico-cultural. **Cadernos de Pesquisa**, v. 40, n. 139, p. 121-146, 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/cp/v40n139/v40n139a07.pdf>- acesso em 26/05/2020.

GIL, Antônio Carlos, 1946. Como elaborar projetos de pesquisa – 4 ed. São Paulo, Atlas, 2002.

REIS, G. V. **Alunos Diagnosticados com TDAH: reflexões sobre a prática pedagógica utilizada no processo educacional**. Parnaíba. 2011.

SILVA, A. B. B. **Mentes inquietas: TDH: desatenção, hiperatividade e impulsividade**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.